



A fome de empreender

EXCLUSIVO Metade dos trabalhadores por conta própria ganha até mil reais e 77% deles são informais, revela pesquisa

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

Sempre tive dificuldade de ter um local para trabalhar e por isso vendia minhas coisas no banco da praça. Comecei com um saco de retalho que restou de um assalto em minha casa”, relata Rejane Ferreira Soares, 42 anos, que trabalha com moda afro em Macapá. Durante muito tempo, a produção e a venda de turbantes e brincos afro, realizadas ali mesmo, na Praça Veiga Cabral, no centro da capital, foi o único sustento da família, a incluir três filhos e um neto. Rejane talvez não saiba, mas ela figura na festejada lista de “empreendedores” aclamados pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. O termo, romantizado pelo governo e por alguns economistas, sugere um grupo que tem acesso a crédito, investe em seu negócio e aufer lucros expressivos. Seriam os pequenos “vencedores” do capitalismo. Mas a realidade de Rejane e milhões de outros brasileiros que trabalham por conta própria é outra. O “empreendedorismo” é por sobrevivência.

Uma pesquisa inédita, elaborada pela Fundação Perseu Abramo, pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Rede Brasil de Afroempreendedores, mapeou os perfis desses trabalhadores mar-

cados pela invisibilidade perante políticas públicas, pelo racismo e por condições precárias de trabalho. Dos 24,3 milhões de trabalhadores por conta própria, 97% têm a função como única fonte de renda, segundo o estudo Nas Bordas da Precariedade, com dados divulgados com exclusividade por *CartaCapital*. Quase a metade possui renda de até um salário mínimo, 35% trabalham mais de 40 horas semanais e 11% estendem a jornada a mais de 50 horas. Além disso, 77% deles atuam na informalidade, sem cobertura da Previdência Social.

Na base da pirâmide estão Rejane e outros milhões de trabalhadoras negras que atuam na produção de vestuário e alimentos ou em salões de beleza. Dentro dos 48% que possuem renda de até

Na base da pirâmide, figuram as mulheres negras. No topo, os homens brancos



mil reais por mês, 22% recebem somente metade desse valor. Apenas 7% delas recebem mais de 4 mil. As disparidades sociais, raciais e de gênero se evidenciam quando se analisa o topo da pirâmide: conforme a renda aumenta, mais branco, mais rico e mais masculino se torna o perfil. Mudam também as atividades. Se o negro tem majoritariamente como fonte de renda atividades como construção civil (65%), comércio (57%), serviços e alimentação (61%), o homem branco figura no topo em serviços de educação e saúde (67%), atividades de informação, comunicação e financeiras, imobiliárias (64%).

Com a pandemia, a realidade dos trabalhadores por conta própria se deteriorou. “Perdi todos os meus clientes e hoje trabalho para conseguir menos de um terço do que ganhava antes da pandemia. Por sofrer de asma, só consegui sobreviver porque alguns clientes passaram a trazer os equipamentos para eu consertar”, conta Rafael Guerra Pato, técnico de informática e *videomaker*, pai de uma filha e mo-

Visão. Na pandemia, Rejane criou máscaras de proteção com estampa afro para combinar com os turbantes que vende em uma praça de Macapá

rador do Rio de Janeiro. Além de perder 70% da renda, ele parou de receber o auxílio emergencial, que neste ano foi reduzido, em valores e número de beneficiários. Rafael também prestava serviços para a UFRJ, mas com os cortes orçamentários promovidos pelo governo Bolsonaro na universidade, perdeu o trabalho.

O técnico de informática herdou dívidas após o falecimento de seu sócio e, por isso, não consegue sequer abrir uma microempresa individual. A mudança na dinâmica financeira gerou impactos na família, quando sua esposa e filha foram diagnosticadas com transtorno de ansiedade. “No governo Michel Temer, tentei refinar os débitos tributários, mas eu não devia o mínimo necessário para ter acesso ao parcelamento.”

Temer, por sinal, foi responsável pela aprovação de uma radical reforma que desestruturou a proteção trabalhista e legalizou até o “trabalho intermitente”, como o popular “bico” foi rebatizado pelo governo. Para suprimir direitos, o governo prometeu a geração de “milhões de empregos”, mas as mudanças resultaram somente no aumento da precarização e da informalidade. No trimestre encerrado em novembro de 2017, quando a



reforma entrou em vigor, a taxa de desocupação era de 12%, segundo a Pnad Contínua do IBGE. Hoje, 14,7% dos trabalhadores estão desempregados. Mesmo antes de o Brasil registrar o primeiro caso de Covid, o cenário era desolador: 11,2% estavam sem emprego.

No início da pandemia, Rejane chegou a perder 100% dos rendimentos. Conseguiu se reerguer depois que passou a produzir máscaras com estampas afro, que combinavam com os turbantes e brincos que vendia. Ela também enfrentou a Covid e um acidente vascular cerebral, que lhe comprometeu os movimentos do lado direito do corpo. Com a fisioterapia, ela se recupera e tem planos de lançar nas redes sociais uma nova coleção da sua marca, Zwanga. A costureira é associada à Reafro, associação sem fins lucrativos cuja missão é fortalecer o afroempreendedorismo no Brasil.

Segundo dados do IBGE, os trabalhadores por conta própria foram os mais impactados pela pandemia. No primeiro trimestre de 2020, eles receberam 76% dos rendimentos habituais. Além disso,



Desprotegido. Rafael Guerra, videomaker e técnico de informática, perdeu 70% da renda no auge da pandemia e, neste ano, ficou de fora do auxílio emergencial

o desemprego recorde empurrou 661 mil brasileiros para o “empreendedorismo por necessidade”. Só no primeiro trimestre de 2021, houve um aumento de 1,4% nos trabalhadores por conta própria em comparação com os três meses anteriores. Enquanto isso, a população ocupada teve queda de 0,6% no mesmo período, o equivalente a meio milhão de indivíduos.

A despeito da crise sanitária e social, nunca esteve nos planos de Guedes oferecer qualquer tipo de auxílio aos trabalhadores autônomos. “Vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias, mas podemos perder dinheiro salvando empresas pequeninhas”, resumiu o *Chicago Boy*, durante a fatídica reunião ministerial na qual Ricardo Salles sugeriu aproveitar a pandemia para passar a “boiada” dos projetos

contra a legislação ambiental. E é exatamente assim que o governo tem atuado.

Depois de postergar ao máximo a sanção do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), que atendeu 517 mil empresários e emprestou 37 bilhões, ele chegou a ser interrompido em dezembro, mas, após pressão dos parlamentares e de setores econômicos, teve nova rodada aprovada em junho. Em nota, o Ministério da Economia informou ainda que conta com “ações direcionadas para a facilitação do acesso a soluções financeiras, como o programa de Simplificação do Acesso a Produtos e Serviços Financeiros para o Microempreendedor Indivi-

dual (Credmei)” e cursos de qualificação.

Tanto Rejane quanto Rafael contam que não conseguem acesso a nenhum programa divulgado pelo governo federal desde que abriram seus negócios. O motivo é ainda mais estrutural que a mera inação ou falta de prioridade histórica por parte dos governos federais e estaduais. “A pesquisa ajuda a entender que, além de políticas de desenvolvimento e do avanço da macroeconomia, precisamos ter ações combinadas que combatam a discriminação e apoiem produção das periferias. Se você tem uma política única, não atinge as mulheres negras”, afirma Lea Marques, socióloga e consultora do projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu



‘NA PRÁTICA, É CHICOTE NO PRÓPRIO LOMBO’

Empreendedorismo? Paulo Galo, líder dos Entregadores Antifascistas, não se ilude com o nome pomposo dado aos autônomos

Aos 32 anos, Paulo “Galo” Lima ganhou notoriedade por denunciar a precarização do trabalho e a forma como os aplicativos de entrega exploravam os motoboys no Brasil. Ao promover o debate e denunciar os abusos praticados por essas empresas, o líder do “Entregadores Antifascistas” acabou chamando atenção para novas

formas de trabalho que têm passado ao largo das políticas públicas. A *CartaCapital*, Galo conta como a rotina mudou no último ano e detalha como está a vida dos empreendedores que “recebem o chicote para dar no próprio lombo”.

CartaCapital: Além da exposição ao vírus, o que mais mudou na dinâmica de

trabalho dos entregadores nesses últimos meses?

Paulo “Galo” Lima: Na verdade, houve uma piora na precarização. Chegaram muitos trabalhadores no mercado informal, sobretudo para operar como entregadores de aplicativo, até porque aumentou a demanda de entregas. Não faz três dias vi um motoboy morrer na minha

frente, atropelado por uma BMW blindada, cuja motorista estaria bêbada. Ela pagou fiança de 22 mil reais e foi para casa. Antes, tinha manifestação, tinha revolta. Agora, nada. A carteira de trabalho virou raridade. Com o desemprego nas alturas, o trabalhador tem medo de perder sua fonte de sustento e se submete a tudo. O mercado informal tornou-se uma selva, um comendo o outro. Todo mundo quer segurar o seu.

CC: Faz sentido incluir os motoristas ou entregadores de aplicativos na categoria

de “empreendedores”?

PGL: Quando você coloca os trabalhadores por conta própria como “empreendedores”, estará dando um chicote para o trabalhador bater nas próprias costas. Para se ter uma noção, aumentou o número de entregadores mortos na pandemia por acidente. O aplicativo funciona como videogame. O entregador acha que vai correr e conseguir render mais, passar pelas etapas do aplicativo, mas é tudo ilusão. Na real, ele acaba trabalhando mais, se expondo mais aos riscos e se

acidentando. Ainda tem o papel da mídia, que romantiza tudo, até o trabalho do cara que faz entrega de cadeira de rodas. Tudo isso contribui para amansar o trabalhador.

CC: Como liderança de um movimento crescente no País, que representa cada vez mais trabalhadores, como você avalia a consciência de classe de seus colegas?

PGL: Eu estou agora numa padaria. Tem chapeiro, tem atendente e todo mundo é consciente do que é. Todo mundo sabe que é pobre. Alguns podem até ter essa

ilusão de “empreendedor”, mas têm aluguel para pagar, têm conta vencendo, então existe essa “consciência de classe”. Acho que não estamos é trabalhando o “ódio de classe”. Ele está disperso, e é preciso direcioná-lo para obter reais conquistas para a categoria. A classe média, essa sim, precisa de “consciência

Cada um por si. “O medo do desemprego desmobiliza”

de classe”. Tem muita gente andando de carrão, cheio de dívida e comprando o lado do empresário do capital.

Leia a entrevista completa em www.cartacapital.com.br.

Abramo. “Queremos lançar luz sobre esses perfis, pois as possibilidades que estão aí não alcançam esses trabalhadores.”

Além dos recortes de gênero e raça, o ineditismo da pesquisa, feita com base em dados da Pnad de 2019, revela-se pelos recortes regionais, a apontar severas desigualdades: com menos negros em sua composição social, no Sul a renda dos por conta própria está mais concentrada em homens brancos. No Norte e no Centro-Oeste, a discriminação de gênero é mais marcante que a de raça nas faixas de renda mais alta. O Nordeste, com maior população preta e parda, é a única região com significativa presença de negros e negras nas faixas de renda mais alta. Ainda assim, são nessas faixas que os brancos aparecem, e não nas de renda mais baixa.

“**Constatamos** claramente que o racismo opera como vetor que cria obstáculos a donos de negócios e trabalhadores por conta própria negros. As ofertas de crédito são desiguais e chegam ainda menos nas mulheres negras”, explica Jacques Mink, um dos coordenadores da pesquisa pela UFSC e coordenador do Laboratório de Sociologia do Trabalho. “Há, ainda, uma discriminação que opera dentro das instituições financeiras.”

De acordo com o especialista, a falaciosa classificação dos 24,3 milhões de autônomos como “empreendedores” intensificou-se a partir de 2010. “Esse discurso favorece a autoestima dos trabalhadores, mas há aqueles que sabem que isso não cabe na realidade deles, pois sofrem com a discriminação, a falta de apoio do estado e sabem que ‘se virar para sobreviver’ não é a mesma coisa de criar uma *startup*.” Não causa surpresa que, nos semáforos paulistanos e nos vagões do metrô, alguns vendedores ambulantes passaram a incorporar esse discurso, em tom de galhofa, a ostentar cartazes nos quais se apresentavam como “empreendedores” que precisavam começar de algum lugar para realizar o sonho do negócio próprio. •

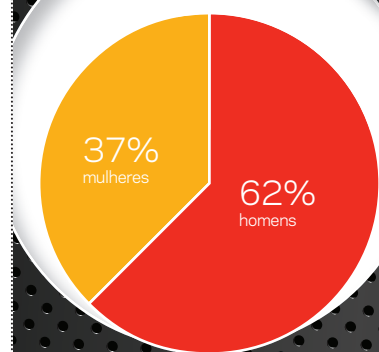
OS TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA

24,3 milhões de brasileiros são autônomos

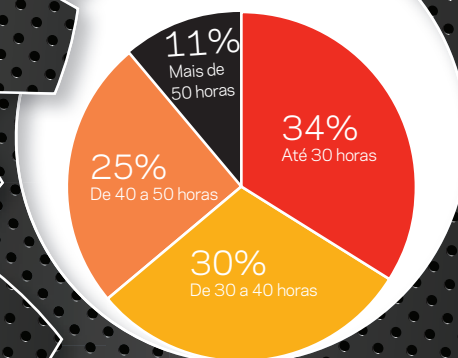
97% deles só dispõem desta fonte de renda

77% atuam na informalidade, sem previdência

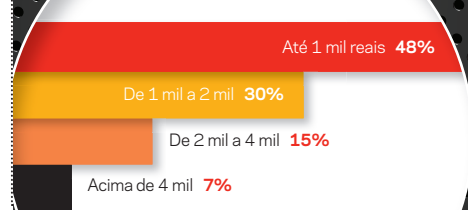
GÊNERO



JORNADA SEMANAL



RENDA MENSAL



Fonte: Pesquisa “Por conta própria” Fundação Perseu Abramo, UFSC e Rede Brasil de Afroempreendedores.